

Comunicações

Personagens musicais da Bahia em quatro décadas: uma iconografia musical

Marineide Marinho Maciel Costa,
Maria da Conceição Costa Perrone

UFBA

Introdução

Cada vez mais tem aumentado o interesse dos pesquisadores de como a imagem tem o poder de narrar a história dos fatos que, a partir da análise acurada, estabelece estratégias narrativas que contemplam e completam o sentido do contexto e cultura nelas inseridas.

A Iconografia, para as diversas áreas da ciência transita por objetivos diferenciados que, em específico, para o historiador, a importância residirá na relação da tradição imagética, contextual, temporal e literária, que, nessa última, proporcionará critérios de acúmulo de informação escrita sobre o período da história analisado.

Em especial, nessa pesquisa, o acervo fotográfico existente em forma de vídeo sobre a Instituição, localizada em Salvador, a Escola Normal de Música, registro realizado durante quatro décadas (c. 1934 até c. 1976) do século XX, período em que se festejou a inauguração até a extinção daquela Instituição de ensino preocupada com o desenvolvimento da cultura e tradição musical. O referido acervo assevera ao pesquisador os indícios de permanência atestando o reconhecimento daquela Instituição como patrimônio, sendo então possível detectar e reconhecer personagens que tiveram participação significativa e colaborativa no processo de construção da história da música na Bahia.

* Este trabalho foi merecedor de Menção Honrosa na edição 2015 do Prêmio RIDIM-Brasil, realizada durante o 3º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical, entregue pelo Presidente da Comissão Mista Nacional do RIDIM-Brasil, aos 24 de Julho de 2015 em Salvador, Bahia.

Considerando o questionamento entre imagem e história, apoiado na metodologia da seriação, é pertinente ter como objetivo a estruturação dos componentes: 1) Personagens que atuaram como alunos e/ou posteriormente, professores da referida Instituição; 2) O exercício das atividades musicais desses personagens durante o período de funcionamento e após a extinção da Instituição; 3) A contribuição acadêmica desses personagens; 4) Os eventos artísticos promovidos pela Instituição que contribuíram para o processo de construção da cultura musical na Bahia.

Fatos necessitam de registros sistêmicos que, após fundamentados, revelam histórias. O ato de escrever, “o contar histórias” através da análise da imagem, é objeto relevante como resultado dessa pesquisa. Assim, a pretensão é a de contribuir no processo da construção e registro da História da Música na Bahia.

No início do século XX, a vida urbana de Salvador apresentava a música como atividade constante. Dois teatros eram os principais locais destinados as realizações de cerimônias oficiais, concertos assim como eventos populares.



Figuras 1 e 2 - Cine Teatro Guarani (esq.) e Teatro do ICEIA (dir.)

Em 1549 veio, com a Companhia de Jesus, a ciência da Arte europeia para os brasis. Além das instituições de cunho religioso o estudo, em especial da música, se desenvolveu através de personagens que, ou tiveram oportunidade de estudar na Europa, ou, como diletantes, obtiveram sua formação artística tendo a prática instrumental como função social, através da criação das Filarmônicas e Bandas Oficiais que se tornaram celeiros de formação versus ensino de música.

Na vida doméstica, o ensino do piano se tornou parte integrante do social levando a expansão, tanto do estudo de sua técnica quanto da necessidade de ampliação do conhecimento sobre música determinando, destarte, a criação de escolas, onde o aprendizado fosse mais abrangente e profundo quanto ao repertório, o domínio da estrutura da música além da preparação técnica. Em 1897, em Salvador, surge então, anexo ao Escola de Belas Artes, o Conservatório de Música, instituição que, em 1917 se concretiza como Instituto de Música da Bahia.

No Instituto de Música da Bahia, Pedro Irineu Jatobá (Figura 3) foi admitido através de concurso como professor. Em 1934, quando se afastou, fundou a Escola Normal de Música (ENM). Baiano, soteropolitano, nascido em 15 de dezembro de 1895, diplomado em Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, aprendeu música na infância com seu pai, Orlando Jatobá e, na adolescência, ingressou no Mosteiro de São Bento onde, com monges beneditinos, desenvolveu seus estudos na Harmonia, Estrutura da Música, Cantochão e sobretudo na execução no órgão tornando-se, posteriormente, organista do Mosteiro (Figura 4).

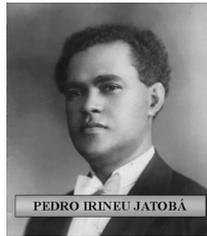


Figura 3 - Retrato de Pedro Irineu Jatobá (acervo da ENM)



Figura 4 - Jatobá (1º a esquerda, em pé) junto dos seus professores beneditinos (acervo da ENM)

Seu filho, Paulo Atanásio Jatobá, comenta: “Em 15 de fevereiro de 1934, um grupo de apreciadores da música, tendo à frente Pedro Irineu Jatobá, fundou na cidade do Salvador, a ‘Sociedade Bahiana Pró-Arte’ (Figura 5) com o fim de criar uma Escola denominada Escola Normal de Música, começando as atividades em 15 de março do mesmo ano.”



Figura 5 - Membros fundadores da Sociedade Bahiana Pró-Arte (acervo da ENM)

A tradicional Praça da Piedade foi o local escolhido para abrigar a primeira sede da Escola Normal de Música da Bahia, ao lado esquerdo da Secretaria de Segurança Pública. Hoje o casarão colonial, parcialmente modificado (Figuras 6 e 7).



Figura 6 - O primeiro casarão onde funcionou a Escola de Normal de Música (acervo da ENM)



Figura 7 - Praça da Piedade nos anos 30. (A Secretaria de Segurança Pública ao meio tendo, no lado esquerdo o casarão colonial primeira sede da Escola Normal de Música e, ao lado direito o prédio adquirido em 1936, sede própria da Escola Nova de Música até o encerramento das atividades) (acervo da ENM)

A finalidade da Instituição era a divulgação da Arte Musical, com atividades dirigidas em dois sentidos: promoção de Concertos para maior difusão das obras dos grandes mestres e o estudo técnico especializado para aqueles vocacionados ao ensino da música, incluindo as crianças, com a criação de um curso infantil.

Porque Escola Normal de Música? O Professor Pedro Jatobá se preocupava em preparar professores para o ensino da música, sendo esta a primeira Escola de formação de professores de música na Bahia. Até então os professores que usavam atividades musicais no seu cotidiano em sala de aula, eram preparados nos cursos denominados de Normais que incluíam nos seus currículos a cadeira de música.

Em 1936, com financiamento da Caixa Econômica Federal, a Escola Normal de Música adquiriu o prédio onde funcionou até o encerramento das suas atividades (Figura 8) Em 1940, no entanto, a Secretaria de Educação do Estado sugeriu que a escola deveria denominar-se Escola Nova de Música. Em 1942 o Conselho Nacional de Educação – CNE, autorizou o funcionamento do Curso Superior de Formação de Professor de Música, passando a denominar-se Escola de Música da Bahia EMB. A importância dessa Escola na vida musical soteropolitana foi registrada pelas efetivas ações por muitos dos seus professores e alunos, além das atividades artísticas desenvolvidas durante seus quarenta e

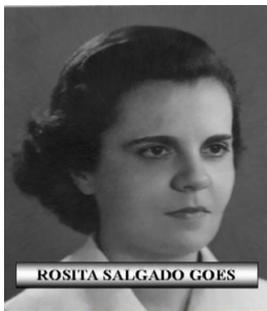
dois anos de funcionamento, preservados em um acervo fotográfico (em mídia digital, organizado por Paulo Jatobá) que registram as quatro décadas de sua existência.



Figura 8 - Escola Nova de Música. O segundo casarão ao lado direito da Secretaria de Segurança Pública na Rua Direita da Piedade. (acervo da ENM)

Em se tratando de uma Pesquisa em andamento, serão destacados alguns dos personagens atuantes que revitalizará parte de uma história da música na Bahia que necessita ser levada a registro, denotando aspectos das atividades musicais desenvolvidas durante o funcionamento da ENM, que contribuíram para o processo de construção da cultura musical na Bahia.

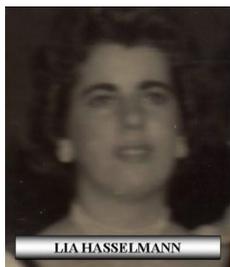
Personagens:



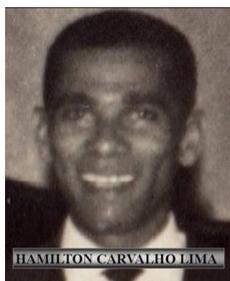
Maria Rosita Salgado Góes, aluna da ENM desde a infância, tendo sido aluna de piano da professora Noêmia Maia, colando o grau de Professora de Música em 1941. Logo no ano seguinte, em 1942, foi recebida como professora da Escola em que havia estudado, assumindo a classe de Musicalização Infantil. Foi professora de Música/Canto Orfeônico da Secretaria de Educação do Estado. Simpatizante com o movimento MEA fundadora da Escolinha de Arte da Bahia. Em 1954, participou como mentora e organizadora do I Seminários Internacionais promovido pela Universidade da Bahia, dividindo por dois anos seguintes, juntamente com H. J. Koellreutter, a direção artística daquele grande evento cultural gerador da atual Escola de Música da Universidade Federal da Bahia.



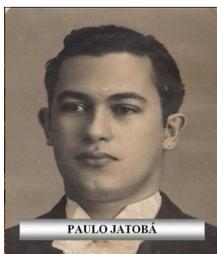
Esther Bittencourt Cardoso, aluna e professora da ENM que, tendo recebido Bolsa para os estudos de piano na Europa, foi estudar com a pianista Marguerith Long. Foi também professora de piano no Instituto de Música da Bahia da Universidade Católica do Salvador e da Escola de Música da UFBA até quando se aposentou.



Maria Lia Lamaignère Hasselmann, aluna da ENM desde a infância, estudou piano com a professora Noêmia Maia, graduando-se na turma de 1948. Em 1949, assume a classe de Musicalização Infantil, tendo como alunas Afonsina Queiroz, Carmen Mettig e Marineide Marinho Maciel. Foi professora da disciplina Ritmo e Som, do Curso de Licenciatura em Musica, no Instituto de Música UCSAL e de piano da Escola de Música da UFBA até quando se aposentou.



Hamilton Carvalho Lima foi aluno e posteriormente professor da EMB e da Escola Parque, Secretaria de Educação e Cultura do estado da Bahia. Como professor da Escola de Música da UFBA, organizou e dirigiu o o programação dos Concertos para Juventude aos domingos pela manhã na Reitoria.



Paulo Atanásio Jatobá foi aluno da ENM desde a sua fundação, sendo graduado em 1944 em Música e em 1949 em Direito. Filho de Pedro Jatobá, assumiu a direção da Escola após a morte de seu pai. Coordenou e dirigiu vários eventos, concertos e criou o Grupo Experimental de Ópera.

Muitos outros nomes de ex-alunos e professores estão sendo levantados, como Hildegardes Viana, Roberto Figueiras Santos, Maria Nazareth Seixas, Maria Angélica Alves Gomes, Maria de Lourdes Alves da Costa, (Mariá Costa), Elena Carrera, Nair Victor, Odete Galeão, Almiro Oliveira, Elibia Moreira, Emília Biancardi, Nestorlina Pita, (Nini Gondin), Carmen Maria Mettig, Marneide Marinho Maciel, Edineiram Marinho Maciel, Janai Guimães Correia, Maria Lúcia Pedro Moraes e muitos outros (as) que serão entrevistados posteriormente.

Visitas:

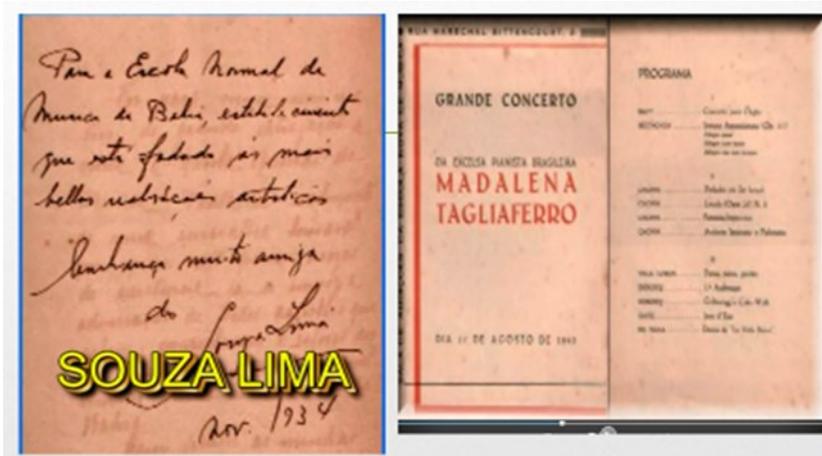
Durante seus quarenta e dois anos de funcionamento, a Escola recebeu ilustres visitantes, que deixaram registradas suas impressões não só escritas no Livro de Ouro, assim como nas mentes dos que tiveram oportunidade de assistir as apresentações. (Figuras 9 a 13).



Figura 9 - Coral Oficial da Diocese de Ragensburg (acervo da ENM)



Figuras 10 e 11 - Retratos dos pianistas Souza Lima (esq.) e Madalena Tagliaferro (dir.) (acervo da ENM)



Figuras 12 e 13 - Impressões do pianista Souza Lima no Livro de ouro (esq.) e Programa de Concerto realizado por Madalena Tagliaferro (dir.) (acervo da ENM)

Eventos:

Em 1957, em um projeto de Paulo Jatobá, foi criado o Grupo Experimental de Ópera que realizou eventos nos anos seguintes de 1958 e 1959. As óperas eram encenadas no Teatro do INB, hoje ICEIA, com cenários e indumentárias cedidos em parceria com o Teatro Municipal do Rio de Janeiro (Figuras 14 a 18)



Figura 14 - Plateia no Instituto Normal da Bahia – INB assistindo Ópera (acervo da ENM)



Figura 15 - Encenação da ópera Cavalleria Rusticana (acervo da ENM)



Figura 16 - Encenação da ópera Cavalleria Rusticana (acervo da ENM)



Figura 17 - Encenação da ópera La Bohème (acervo da ENM)



Figura 18 - Encenação da ópera Rigoletto (acervo da ENM)

Considerações finais

A Escola de música da Bahia, durante seus 42 anos de funcionamento, formou dezenas de professores de piano, violino, violoncelo, canto e canto orfeônico, que foram disseminando, na Sociedade Baiana, o amor à música, expandindo suas atividades em Congressos, espetáculos de óperas, concertos, cursos de extensão, realizando o que o Maestro Pedro Jatobá idealizou.

Fatos devem ser registrados para que possam existir historicamente, e contar essa história através desse arquivo imagético, será relevante como resultado dessa pesquisa. Assim, a pretensão é de contribuir para cobrir mais uma lacuna existente no processo da construção do registro da História da Música na Bahia.

Referências:

História da Escola de Música da Bahia. Produção Paulo Atanásio Jatobá e Dirce Jatobá. Edição Áureo J. O. Viana – Salvador, 2 de Julho de 2007.

_____. DVD 00 Síntese de 42 anos (1hora:15min e 18seg.)

_____. DVD 01 1933 a 1937 (1:16:48)

_____. DVD 02 1938 a 1941 (1:15: 20)

_____. DVD 03 1942 a 1945 (1:16:20)

_____. DVD 04 1946 a 1948 (1:17:13)

_____. DVD 05 1949 a 1951 (1:20:15)

_____. DVD 07 1952 a 1954 (1:10:40)

_____. DVD 08 1955 a 1957 (1:15:35)

BURKE, Peter. *História e Teoria Social*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt e Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002

_____. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos, revisão Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: EDUSC.

GRILLO, José Geraldo Costa. “*A Guerra de Tróia no Imaginário Ateniense: Sua Representação nos Vasos Áticos dos Séculos VI-V A.C.*” Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de doutor em Arqueologia. São Paulo, 2009.

NOGUEIRA, Isabel, org. *História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPel*. Porto Alegre: Palotti, 2005.

PERRONE, Maria da Conceição Costa. “*Música, Contexto e Tradição: Estudo Sobre a Criação de uma Instituição de Ensino*”. Tese submetida ao Curso de Doutorado em Música da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de doutor em música – Etnomusicologia. Salvador-Bahia, 2008.